

CRÍTICA / FILME / NÓ

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Feitiço de amarração

Divulgação



Saravy é a operária que luta para manter a guarda das filhas em 'Nó', um dos achados do Festival de Gramado

Gramado chorou com “Nó”, mas deu lá suas risadas, com o bom humor de sua protagonista na cervejinha com amigas e amigos, “amarrado” por uma narrativa que pede bênção à força dos orixás. Primeiro dos seis concorrentes ao Kikito de Melhor longa-metragem de Ficção a cruzar o festival de cinema mais popular do país, o drama de CEP paranaense (mas universal) pilotado pela estreante Laís Melo saiu da serra gaúcha com um dos troféus mais cobiçados do evento: o prêmio de Melhor Direção. Venceu ainda a disputa pela Melhor Fotografia (mérito de Renata Corrêa) e ganhou o Prêmio da Crítica. Saiu vitoriosa em cada frente dessa pela sinceridade que transborda a cada plano, ao desatar as incongruências do capitalismo confirme se instaura (e bem) numa genealogia lusófona recente, que inclui as produções anglo-portuguesas “On Falling”, de Laura Carreira (prêmio de Melhor Direção em San Sebastián, em 2024) e “Listen”, de Ana Rocha (que ganhou cinco prêmios no Festival de Veneza, em 2020).

São longas centrados na opressão de mulheres em ambientes laborais, que têm interpretações colossais em sua linha de frente. A estrela de “Nó” (e coautora do

roteiro com Laís), a atriz Saravy (antes chamada Patrícia Saravy), deslumbrou Gramado com seu minimalismo.

Glória, sua personagem, é operária numa fábrica de alimentos, que faz aqueles pipocões doces do saco rosa. Tem três filhas.

Tem amigas fidelíssimas. Tem fé no Santo, batendo cabeça para as entidades que lhe abrem caminho. Mudou para o Centro, com o intuito de dar às suas meninas uma vida melhor, próxima da escola. No emprego, ela engata num processo seletivo que pode lhe assegurar um aumento... de tarefas e de salário. Tudo parece bem, mas parecer e ser... na linhagem de filmes em que Laís insere sua bela longa... não são sinônimos.

Há um ex-marido tóxico... que avança para o terreno do abuso... em seu caminho. Ele almeja a guarda da prole de Glória. Na labuta, a supracitada promoção, que depende de uma escolha da chefia para se concretizar, cria desavenças e náuseas afetivas. A toxicidade está no ar que essa mãe coragem respira.

O notável desenho de som de Tulio Borges permite que os silêncios de Glória se agravem na percepção da plateia, da mesma forma como exponencia a majestade de sua gargalhada com prazeres fugazes (regados a Skol litrão) com suas camaradas, na alegria de ver a dedicação da filha às provas de Física. Nos enquadramentos, Renata Corrêa jamais carrega nas tintas em seu registro fotográfico, para não resvalar no melodrama, e deixar a centelha neorealista da dramaturgia vingar sem excessos. Laís ferve o caldo sociológico que tem deixando cruas as asperezas capitalistas, mas aquecendo ao máximo a doçura de Glória.

CRÍTICA / FILME / EU E MEU AVÔ NIHONJIN

Divulgação



Uma direção de arte delicada transforma 'Eu e Meu Avô Nihonjin' num colírio para os olhos

'Madadayo' animado

A palavra que serve de título a esta resenha, cujo significado é “ainda não!”, no sentido de não se estar pronto para uma missão ou escolha, foi tomada emprestada do título do derradeiro longa-metragem de Akira Kurosawa (1910-1998). Sua evocação, para uma análise do tocante “Eu e Meu Avô Nihonjin”, tem uma camada etnográfica mais imediata, pela conexão dessa animação brasileira com a cultura japonesa. Há, contudo, outra razão, que remete à ansiedade de um ancião na iminência da partida, no desejo de conexão com o neto que lhe aterra a este plano.

A finitude gorjeia como ave faminta a saga de construção identitária do guri Noboru, um dos personagens mais ricos (dra-

maturgicamente) do nosso cinema animado desde “O Menino e o Mundo” (2013). Falou-se antes aqui de “fim”, mas a prerrogativa crepuscular da trama não imprime dor à narrativa de investigação antropológica de Celia Catunda, diretora que tem no currículo o fenômeno “O Peixonauta”.

Amparada numa direção de arte de colorido lívido, inspirada pelas pinturas do urbanista Oscar Oiwa, Celia nos apresenta a vontade de potência de Noboru, um descendente de imigrantes do Japão, que passa a investigar a história de sua família após ouvir as memórias do avô. Ao longo dessa jornada, ele descobre a existência de um tio misterioso e reflete sobre o que significa ser nipo-brasileiro, entre tradições herdadas e o desejo de pertencer a dois mundos. Ken Kaneko e Pietro Takeda integram o elenco de vozes desta aventura regada pelos acordes de uma trilha original de Márcio Nigro e André Abujamra. (R.F.)